



Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Quando o humano se torna chorume a indignação deixa de indignar

Angélica Cantarella Tironi

Orcid:0000-0002-3540-5935

Psicanalista, Correspondente da Seção Rio de Janeiro da Escola Brasileira de Psicanálise /EBP-RJ (Rio de Janeiro, Brasil)

Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro /UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)

e-mail: angelicatironi@gmail.com

Resumo: Este artigo pretende discutir como a sociedade regida pelo capitalismo financeiro transformou o ser humano em um rebotinho, intervindo diretamente na dignidade do sujeito. Parto do pressuposto de que a indignação é uma paixão constitutiva dos tempos atuais, na medida em que o homem submetido aos valores privilegiados da produção e do consumo se tornou uma peça na engrenagem do capitalismo na medida em que responde à sua lógica. Portanto, a indignação se transforma em uma indignação, ou seja, na ausência de uma ação que restitua a dignidade humana.

Palavras-chave: Indignação; Indigno; Capitalismo financeiro; Psicanálise.

When the human becomes slurry indignation loses its effect: This article aims to discuss how the society governed by financial capitalism transformed the human being into a junk, directly intervening in the subject's dignity. I start from the assumption that indignation is a constructive passion of the present times, insofar as man subjected to the privileged values of production and consumption has become a piece in the gear of consumer capitalism as long as he responds to its logic. Therefore, indignation becomes an in-dignity-action, i.e. the absence of an action that restores human dignity.

Keywords: Indignation; Unworthy; Financial Capitalism; Psychoanalysis.

Quand l'humain devient lisier l'indignation cesse d'indigner: Cet article a pour but de discuter comment la société gouvernée par le capitalisme financier a transformé l'être humain en une bouillie, intervenant directement dans la dignité du sujet. Je pars de l'hypothèse que l'indignation est une passion constitutive de l'époque actuelle, dans la mesure où l'homme soumis aux valeurs privilégiées de la production et de la consommation est devenu une pièce dans les ressorts du capitalisme dans la mesure où il répond à sa logique. Par conséquent, l'indignation se transforme en indignation-action, c'est-à-dire en l'absence d'une action qui rétablit la dignité humaine.

Mots clés : Indignation ; Indigné ; Capitalisme financier ; Psychoanalyse.

Quando o humano se torna chorume a indignação deixa de indignar

Angélica Cantarella Tironi

Introdução

“Chorume é um choro interminável e maldito. São lágrimas deterioradas de olhos flagelados” (Maia, 2009, p. 109)

Em 2012, o fechamento do lixão de Gramacho trouxe à tona o fato de o Brasil possuir três mil aterros sanitários, responsáveis por absorver 30 milhões de toneladas de resíduos urbanos por ano (Resk, 2018). Alguns anos depois, a tragédia de Brumadinho lembrou que possuímos 790 barragens de rejeito de minério em todo o país (Costa, 2019). Pouco tempo antes, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) anunciou que o desemprego atingiu 13 milhões de brasileiros. Um terço desse montante, após buscas frustradas, desistiu de procurar emprego por não acreditar existir oportunidades profissionais que lhes absorvessem novamente no mercado de trabalho (Uchôa, 2018). Essas notícias tratam de um mesmo problema: a dificuldade que atualmente encontramos em gerir os dejetos produzidos, em números cada vez maiores, por nossa sociedade submetida ao capitalismo financeiro.

Em *As cidades invisíveis*, Italo Calvino (2002/2017) descreveu Leônia, cidade cujos habitantes, consumidores ávidos pela novidade, cotidianamente descartavam bens antigos, perfeitamente úteis, para dar lugar aos recém-chegados. Nesse entusiasmo, eles construíram uma fortaleza de lixo ao seu redor, uma montanha de dejetos fora do alcance da visão, que se revelava apenas pelo odor trazido pelo vento. Calvino questiona se a verdadeira paixão dos leonianos era “[...] o prazer das coisas novas e diferentes” ou “[...] o ato de expelir, de afastar de si, expurgar uma impureza recorrente” (Calvino, 2002/2017, p. 139).

Leônia não se diferencia da autorrenovação constante das metrópoles, cujo lixo comporta todo tipo de coisas – do novo ao usado, do podre ao intacto. Apesar de o gerenciamento do lixo ser extremamente problemático, a maior dificuldade do expurgo hoje se encontra no descarte do ser humano, que, tal como os objetos que se tornam obsoletos a cada manhã na cidade de Calvino, se acumulam nas calçadas e nas ruas das grandes cidades de nosso país.

O ser humano alçado à condição de rebotalho

Em *Vidas desperdiçadas*, Zygmunt Bauman (2005) advertiu que o maior produto da sociedade contemporânea são os seres humanos que – sem condições de subsistirem por si mesmos, impedidos de fazerem a economia prosperar, excluídos do mercado consumidor – se tornam um problema financeiro para os Estados, que necessitam dispor de um montante cada vez maior de concessões, benefícios, pensões, incentivos e isenções para sustentá-los.

Considerados um excesso populacional pelos países desenvolvidos, os excluídos dos meios de produção e de consumo eram inicialmente escoados para terras pouco habitadas. Essa situação perdurou enquanto a modernização ocorria apenas em algumas partes do planeta. No entanto, quando se tornou a condição universal da humanidade, os territórios capazes de acolher os refugos materiais e humanos ficaram escassos. Por este motivo, “[...] a nova plenitude do planeta significa, essencialmente, uma crise aguda da indústria de remoção do refugo humano” (Bauman, 2005, p. 13).

Na década de 1970, essa situação atingiu a classe média dos países ricos. A chamada “Geração X”, nascida na Inglaterra, foi a primeira a sofrer com o fato de a educação superior ter deixado de ser o garantidor de um meio de subsistência. Fruto de uma sociedade que não questionava o emprego como um destino certo, a garantia de sobrevivência individual e familiar, o índice da identidade pessoal, da posição social e o propósito de toda uma vida, essa Geração se encontrou diante de uma surpreendente novidade, pois a expectativa do desemprego era uma experiência que ela não compartilhava com as gerações anteriores (Bauman, 2005, p. 17-18).

Nos países subdesenvolvidos, como no Brasil, por exemplo, a situação foi rapidamente se agravando. Dados oficiais revelaram que, no primeiro trimestre de 2019, a taxa de desemprego chegou à 12.7% da força de trabalho (Alvarenga & Silveira, 2019). Na expectativa de voltarem ao mercado e se tornarem novamente membros úteis da sociedade, muitos desempregados investiram em aperfeiçoamentos profissionais na ilusão de saírem da reserva de mão de obra e voltarem à ativa na primeira oportunidade. No entanto, a perspectiva de serem reciclados se tornou cada vez mais remota, criando um exército de desalentados. “Se reciclar não é mais lucrativo, [...] a maneira certa de lidar com o lixo é acelerar a ‘biodegradação’ e decomposição, ao mesmo tempo isolando-o, do modo mais seguro possível, do hábitat humano” (Bauman, 2005, p. 109).

O discurso que acompanha essa máquina de degradação afirma que o progresso é inconcebível sem o refugo e que os excluídos são simplesmente o efeito colateral não planejado do processo moderno de produção e do progresso econômico; uma questão técnica com a qual a contemporaneidade precisa encontrar meios de lidar.

Aqueles que perderam o emprego e, conseqüentemente, a via de orientação que os capacitavam a vislumbrar projetos, prospectar o futuro e ter o controle de suas próprias vidas “[...] se veem despidos da sua dignidade como trabalhadores, da autoestima, do sentimento de serem úteis e terem um lugar social próprio” (Linhart apud Bauman, 2005, p. 22). Quais são as conseqüências psíquicas do desalento? Quais são as possíveis saídas?

O indigno: um novo personagem em nossa história

No livro *Indignai-vos!*, Stéphane Hessel (2011) relembrou que o Conselho Nacional da Resistência à invasão nazista, criado na França, em 1945, propôs uma série de princípios sobre os quais deveria se apoiar a democracia daquele país: o interesse geral subordinando os interesses

particulares, a distribuição mais justa das riquezas produzidas pelo trabalho, a política do Estado independente das influências estrangeiras. Esses princípios foram a base da Declaração dos Direitos Humanos, assinada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1948, com o intuito de determinar as mínimas condições de garantia da dignidade humana a serem atingidas por todas as nações.

Sete décadas após a elaboração desse documento que Hessel ajudou a redigir, ele denunciou que o capitalismo presidido pelos mercados financeiros afasta o homem dos ideais conquistados pela Declaração, ameaçando a paz e a democracia. E apontou um paradoxo: apesar de a produção de riquezas ter aumentado vertiginosamente em todo o mundo, cada vez menos os Estados garantem aos seus cidadãos os direitos juridicamente adquiridos a partir da Declaração.

Ele advertiu que o capitalismo financeiro desconsidera seus próprios servidores, acirra a competição entre seus membros, incentiva o consumo desenfreado, despreza os mais frágeis na possibilidade de subsistir, desinteressa o homem de sua própria cultura e aumenta vertiginosamente a desigualdade entre os bilionários e a população mais pobre (Hessel, 2011, p. 36). Segundo o relatório da Organização Não Governamental (ONG) Oxfam, a fortuna dos homens mais ricos do mundo aumentou 12% em 2018, cerca de US\$ 2,5 bilhões por dia, enquanto a metade mais pobre do planeta, em torno de 3,8 bilhões de pessoas, teve seu sustento reduzido em 11% no ano passado¹.

Hessel convidou cada ser humano a se indignar contra a "sociedade do dinheiro", fazer frente à indiferença que ela transmite. Em suas palavras: "[...] é necessário engajar-se em nome de sua responsabilidade como pessoa humana" (Hessel, 2011, p. 19). A indignação nasce atrelada ao sentimento de solidão – pois ela compete às pessoas que não se fiam a um Deus ou que não acreditam no poder – e, se bem desenvolvida, ela se torna vontade de engajamento (Hessel, 2011, p. 18). Kaufmann (2019) acrescenta voz a esta premissa ao afirmar que o engajamento tem a capacidade de transformar a exasperação colérica em esperança, "[...] restaurando pela via do Ideal, um laço com a fantasia [...]. A partir da fantasia, articula-se a esperança otimista que tornaria possível tudo aquilo que se deseja".

Três elementos do texto de Hessel acima citado me interessam: a indignação, a indiferença e a responsabilidade. E a relação entre eles é digna de nota: o autor contrapôs a indignação à indiferença e aproximou a indignação da responsabilidade. Essas articulações oferecem o vislumbre de um posicionamento subjetivo que precisa ser tomado frente aos efeitos sociais do capitalismo financeiro.

O sujeito indignado

Ao introduzir o estudo sobre as paixões no campo da psicanálise, Jacques Lacan questionou a relação entre ideia e afeto desenvolvida na obra freudiana. Se, em Sigmund Freud (1915/1996, p. 182), afeto e pensamento eram entidades opostas – "[...] ideias são catexias – basicamente de traços

de memória –, enquanto que os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga” –, com o termo paixão Lacan transformou-as em um nó (Laurent, 2000, p. 37), na medida em que toda representação (*Vorstellung*) é carregada de afeto.

Etimologicamente, o termo paixão veio do latim *pathos*, que significa sofrimento. Lacan tomou o termo da filosofia e o elaborou a partir de suas próprias perspectivas. Na obra lacaniana encontramos duas formas opostas de paixão:

1. As paixões do ser – amor, ódio e ignorância –, compiladas na década de 1960, seguem a definição do sujeito do inconsciente como falta-a-ser, \$ em busca de uma representação no Outro, sem jamais encontrá-la;
2. As paixões da alma foram enumeradas na década de 1970, quando Lacan conceituou o sujeito como *falesser*. Nomeadas por Jacques-Alain Miller (1986/2010, p. 465) de paixões do objeto *a*, elas comportam a tristeza, o gaio saber, a felicidade, a beatitude, o tédio e o mau-humor (Lacan, 1973/2003, p. 524-526).

Enquanto as paixões do ser implicam uma relação com o Outro, as paixões da alma aludem à relação do sujeito com sua própria alma (Laurent, 2000, p. 38).

Nas paixões do ser, o sujeito estabelece um laço com o Outro em uma via de mão dupla: o sujeito ama, odeia e é indiferente ao Outro, ao mesmo tempo em que supõe ser amado, odiado e ignorado por ele. Nesse sentido, essas paixões permitem o sujeito dar consistência ao próprio ser, mas também são capazes de provocar profundas devastações.

Quando volto aos desalentados, me surge a seguinte pergunta: que relação tais sujeitos estabelecem com o Outro? O que faz um sujeito desistir da dignidade que o marca pela via dos ideais sociais? A definição de desalentado circulou nas mídias no último ano para descrever um sujeito que faz parte da força produtiva e deseja trabalhar, mas deixou de procurar emprego por saber que não irá encontrá-lo. Tomo o “deixou de procurar” como uma indiferença, que a frase “não vou encontrar mesmo” comporta. Tal indiferença revela o estatuto do Outro esvaziado da sua função de garantia – esvaziado do fato de que o estudo garante o trabalho, do “quem procura, acha” – que lhe era suposta.

E, diante da indiferença do Outro, constatamos um aumento substancial de quadros de depressão, de passagens ao ato violentas e de atos suicidas. Ao supor-se ignorado, o sujeito supõe estar lidando com um Outro que goza sem levá-lo em consideração; ele é um nada, um não contabilizado, sem inscrição no desejo do Outro. Situar-se nessa posição toca diretamente a posição subjetiva do sujeito naquilo que lhe é mais precioso e agalmático.

A raiz do termo agalma, aproximada da derivação *agaiomai*, significa “estar indignado” (Lacan, 1960-1961/1992, p. 145). A ideia de brilho impressa nesta imagem bastante especial está

compreendida na genealogia do termo. O que ocorre nesses casos dos quais me ocupo é que o agalma é completamente ignorado, e, o sujeito, como consequência, rebaixado à indignidade de dejetos.

A partir do ponto em que o objeto que tem a função de salvar a dignidade de sujeito perde o valor, a relação do sujeito com seu próprio desejo se modifica radicalmente. A indignação da qual Hessel fala pode ser pensada como indigna-ação, ou seja, ausência de uma ação que restitua a dignidade humana.

Indigna-ação

Quando o capitalismo financeiro corre solto sem limites e a perda de vidas humanas é considerada um efeito colateral do processo de desenvolvimento econômico, o sujeito fica sem ter a quem recorrer. O Outro da garantia desaparece e, em seu lugar, a crueza do real se instala sem a possibilidade da construção de véus – semblantes, ideais, endereçamentos, laço social. Esta política econômica pretende desacreditar a força dos movimentos sociais e de suas utopias, que sonham com uma sociedade melhor para a maioria da população. A desarticulação social e a completa ausência de uma ação que permita ao sujeito restituir a própria dignidade coloca-o frente ao desamparo, do qual ele acreditou ter minimamente escapado através do “trabalho de civilização” (Freud, 1927/1996).

O conceito de desamparo foi elaborado desde os primeiros textos da obra freudiana. Em “Projeto para uma psicologia científica”, Freud (1950[1895]/1996) revelou que o sentimento de desamparo surge desde as primeiras experiências da vida como resultado da incompletude do organismo, de sua necessidade de realizar trocas com o mundo externo e da enorme dependência da ajuda de outros. Alguns anos após este escrito, no texto “O mal-estar na civilização” (Freud, 1930[1929]/1996), esse conceito foi utilizado para enfatizar a importância da civilização para o homem superar suas fragilidades e seu desamparo, ainda que ao preço de renúncias pulsionais. Portanto, até o fim de sua obra, Freud acreditou que o desamparo fosse um conceito psicanalítico fundamental para se pensar o humano. Por mais que o entendesse como uma peça estruturante do ser, Freud não deixou de apontar saídas para que o homem pudesse aplacar o sentimento de desamparo – a religião e a civilização foram algumas delas.

No entanto, quando a civilização, orientada pelo capitalismo financeiro, se torna uma fonte de desamparo; e os recursos simbólicos-institucionais, que garantem o direito à dignidade humana, não operam, surgem fenômenos de dessubjetivação e desposseção corporal: emergem as epidemias de depressão, as chamadas crises de pânico, as compulsões, as adições e as passagens ao ato violentas. Nas palavras de Vladimir Safatle,

Um corpo político produzido pelo desamparo é um corpo em contínua desposseção e des-identificação de suas determinações. Corpo sem eu comum e unicidade, atravessado por

antagonismos e marcado por contingências que desorganizam normatividades impulsionando as formas em direção a situações impredicadas (Safatle, 2016, p. 21-22).

Safatle (2016, mai.) avança dizendo que o sentimento de desamparo é efeito de um acontecimento impossível de representar, que rompe com o sistema de representações do sujeito. O desamparo impede o sujeito de agir, pois ele não sabe como responder a tal acontecimento. No entanto, ele acrescenta, há uma possibilidade de se haver com este sentimento: é necessário que o sujeito reescreva sua própria ficção narrativa, que se reinvente na complexa maquinaria das representações que o determina.

Conclusão

A sociedade contemporânea, dirigida pelo capitalismo financeiro, produz seres humanos excluídos dos meios de produção e de consumo, que, ignorados pelo Outro do Estado – que pelos princípios dos direitos humanos deveria lhes proporcionar mínimas condições de vida –, se tornam refugos humanos. Inicialmente composto pelos miseráveis, sem-teto, errantes, moradores de rua, na segunda metade do século XX o refugio recebeu membros da dita classe média, que perderam as garantias de que o estudo e o trabalho lhe forneceriam os meios de subsistência. O agravamento desta situação produziu um exército de desalentados, sujeitos sem nenhuma perspectiva de serem reciclados pelo mercado de trabalho. Excluídos de um lugar na esteira social, impedidos de prospectarem um futuro, solapados de seus ideais, eles experienciam uma desposseção de seus corpos e discursos.

Em consonância com Hessel defendi que, diante deste cenário, os movimentos sociais precisam se articular para bradar contra a indiferença do mercado financeiro. Esta indignação é uma forma de a sociedade se responsabilizar pelo abismo que divide a produção e o acesso à riqueza de forma a restaurar a esperança que o trabalho civilizatório propicia. A falta de resposta do Outro da garantia mobiliza a ignorância como um *pathos* capaz de provocar inúmeros fenômenos disruptivos. Pensar-se ignorado modifica a relação do sujeito com seu próprio desejo e impede uma ação verdadeiramente operativa que restitua a dignidade humana. O real se apresenta em sua faceta de desamparo e rompe com as orientações simbólicas do sujeito, deixando-o de mão atadas.

O desamparo, que aproxima sujeito e real, é uma distopia paralisante que necessita de um tratamento que os enlace pelo simbólico e pelo imaginário. Enlaçamento que lhe permita recuperar o sentido da utopia e a força das ações coletivas. Este enlaçamento pode ser realizado pela indignação, que faz anteparo à indiferença do Outro, neste caso encarnado majoritariamente pelo Estado, e protege a dignidade do ser. Afinal, tal dignidade é fundamental para a escritura de uma ficção narrativa que reinscreva o próprio sujeito em uma relação com o seu Outro.

Nota:

1. Ref.: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/21/distancia-entre-mais-ricos-e-pobres-aumentou-em-2018-aponta-ong.ghtml>

Referências Bibliográficas

- Alvarenga, Darlan & Silveira, Daniel. (2019). "Desemprego sobe para 12,7% em março e atinge 13,4 milhões de brasileiros". Recuperado de: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/04/30/desemprego-sobe-para-127percent-em-marco-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: jun. 2019.
- Bauman, Zygmunt. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Calvino, Italo. (2002/2017). *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Costa, Camilla (2019). "Brumadinho: Brasil tem mais de 300 barragens de mineração que ainda não foram fiscalizadas e 200 com alto potencial de estrago". Recuperado de: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47056259>>. Acesso em: jun. 2019.
- Freud, Sigmund. (1916/1996). "O Inconsciente". Em: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, Sigmund. (1927/1996). "O futuro de uma ilusão". Em: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, Sigmund. (1930[1929]/1996). "O mal-estar na civilização". Em: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Freud, Sigmund. (1931/ 2017). *Manuscrito inédito de 1931: edição bilingue*. São Paulo: Blucher.
- Freud, Sigmund. (1950[1895]/1996). "Projeto para uma psicologia científica". Em: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Hessel, Stéphane. (2011). *Indignai-vos!* São Paulo: Leya.
- Lacan, Jacques. (1953-1954/1986). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, Jacques. (1960-1961/1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Laurent, Éric. *O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- Maia, Ana Paula. *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- Miller, Jacques-Alain. (1985-1986/2010). *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, Jacques-Alain. (1986/1998). "A propósito dos afetos na experiência analítica". Em: *As paixões do ser: amor, ódio e ignorância*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

- Resk, Sucena Shkrada. (2018). "2018: lixões e aterros controlados, uma realidade ainda gritante no Brasil". Recuperado de: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/575765-2018-lixoes-e-aterros-controlados-uma-realidade-ainda-gritante-no-brasil>>. Acesso em: jun. 2019.
- Safatle, Vladimir. (2016). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Safatle, Vladimir. (2016, mai.). "Em política, entrar em confrontação é desconstruir circuitos de afetos". Recuperado de: https://ufba.br/ufba_em_pauta/safatle-em-pol%C3%ADtica-entrar-em-confronta%C3%A7%C3%A3o-%C3%A9-desconstruir-circuitos-de-afetos. Acesso em: mar. 2021.
- Uchôa, Victor. (2018). "Depois do desemprego vem o desalento". Recuperado de: <<https://piaui.folha.uol.com.br/depois-do-desemprego-vem-o-desalento/>>. Acesso em: jun. 2019.

Citação/Citation: Cantarella Tironi, A. (nov. 2020 a abr. 2021). Quando o humano se torna chorume a indignação deixa de indignar. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 16(31), 17-25. Disponível em www.isepol.com/asephallus. **Doi:** 10.17852/1809-709x.2021v16n31p17-25

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 10/03/2020 / 03/10/2020.

Aceito/Accepted: 10/28/2020 / 28/10/2020.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.